

DOSSIÊ: Gênero, feminismos e práticas de resistências

Os tempos andam muito difíceis. Crise econômica mundial e os capitalistas de plantão exigindo dos Estados Nacionais políticas “austeras” que tornam a vida do povo difícil ou impossível de ser vivida. No Brasil a nefasta política de morte, contra as maiorias – negras, indígenas, quilombolas, lgbtqi+, pessoas com deficiência, tomaram proporções dramáticas com o “golpe” contra a presidenta Dilma Rousseff, liderado pelo Michel Temer, na ocasião vice presidente da República. Infelizmente a resistência das esquerdas não foi suficiente. Parte dela também não viram a gravidade do fato e/ou pensaram que as eleições 2018 pudesse conter a sangria. Deu errado. Começaram os tempos sombrios: *impeachment* sem crime de responsabilidade, Governo Temer e suas contrarreformas, prisão de Lula em processo viciado para tirá-lo das eleições e vitória de Bolsonaro, com tudo que ele representa, feminicídio político de Marielle Franco. Um governo que parece ridículo mas que tem eficiência para cumprir as metas a ele estabelecido: Reforma da Previdência ok; Desrespeito as eleições de dirigentes nas universidades públicas ok; atendimento ao interesse das igrejas ok; liberação de centenas de agrotóxicos ok... A lista é muito longa e não seria possível detalhá-la nesta apresentação.

O que cabe destacar aqui são os imensos retrocessos nas políticas públicas e suas implicações na vida das mulheres. Gênero foi utilizado como uma arma pelo campo conservador: kit gay, mamadeira de piroca, escola sem partido foram “criados” e usados nas eleições presidenciais. Ao campo progressista, que luta pela garantia de direitos, é urgente a reflexão sobre o que está acontecendo no Brasil, como condição para sairmos dessa situação, que será certamente, de reversão demorada.

Esse dossiê é parte desse esforço. Nasceu da organização e realização do “I Seminário Efeitos de Gênero”, ocorrido em Montes Claros, em novembro de 2019, promovido pelo Grupo de Trabalho de Gênero da ANPUH-MG, Grupo de Pesquisa e Estudos Gênero e Violência da Unimontes, bem como o Núcleo

de Estudos de Gênero da UFU- NEGUEM-UFU e o Programa de Pós Graduação em História-UFU, entre outras organizações. Neste número do Caderno Espaço Feminino contamos com 21 artigos, sendo o dossiê composto por 10 contribuições.

“Feminismo. trabalho e cuidados: por todas nós, pela minha mãe!”, este texto de minha autoria traz um balanço dos feminismos no contexto atual, com destaque para a experiência brasileira. Defendo a centralidade do debate acerca do trabalho doméstico, cuidados e a necessidade de um feminismo para as maiorias. **“Não nos Representam!”: da Crise de Legitimidade Feminista no Discurso de Mulheres do Movimento Brasil Livre – MBL**, Salomé Margot Melo Ferreira e Edil Ferreira da Silva trazem uma importante contribuição ao analisar os discursos relacionados às perspectivas de gênero proferidos por mulheres em vídeos divulgados no canal do Movimento Brasil Livre no YouTube, que evidenciam a visão limitada e normatizadora do corpo feminino: bonito, útil e digno de exposição.

De forma sempre rigorosa e impecável, Claudia Maia e Patrícia Lessa analisam a atuação da educadora mineira Maria Lacerda de Moura, uma anarquista individualista que escreveu sobre o fascismo e as suas consequências mundiais, no texto **“Maria Lacerda de Moura e a luta antifascista (1928-1937)”**. Sem dúvida uma importante contribuição para pensarmos os tempos atuais e a iminência do fascismo.

Éven Bandeira Gonçalves, Rejane Medeiros e Mariane Siva Pisani trazem uma importante reflexão sobre as experiências das pescadoras no Tocantins e a violência de gênero no texto **“Mulheres pescadoras artesanais: relações de gênero e violência na colônia z7, Tocantinópolis-To”**. A violência de gênero continua sendo uma questão central para o feminismo, uma vez que apesar da Lei Maria da Penha a violência contra as mulheres cresce em setores específicos, como nas comunidades de pescadoras.

Outro tema fundamental para os feminismos no contexto atual é a participação das mulheres na política. O artigo **“Como se dá a tomada de decisão das mulheres no cenário político em Sant’ana do Livramento”**, de Rosemeri da S. Madrid e Sebastião Ailton Cequeira-Adão desvelam os

caminhos das mulheres para ocupar espaços historicamente exclusivos dos homens e os avanços (lentos mas significativos) na participação política das mulheres.

Estariam as mulheres executivas transformando ou mantendo as relações de gênero nos espaços de atuação? A análise das práticas discursivas destas mulheres é o objeto do trabalho de Kelly Pellizari e Antônio Carvalho Neto no texto **“O discurso gerencialista e as práticas discursivas das mulheres executivas”**.

Necessária temática é abordada no texto **“Negra e Acadêmica - A Solidão no Diálogo Entre Pares nos Espaços de Poder”**, das autoras, Carolina dos Anjos Borba, Fabiane Moreira da Silva e Sanciaray Yarha Silva da Rosa. O artigo reflete sobre os impasses que mulheres negras encontram ao ocupar o espaço de poder nas universidades, a partir dos relatos de estudantes negras.

Para pensar os efeitos da Reforma Trabalhista nos direitos das mulheres Iris Soier do Nascimento de Andrade e Sarah Luana Alves Barbosa nos apresentam uma importante contribuição com o texto **“Direito do trabalho da mulher e a reforma trabalhista”**.

Maria de Los Angeles Arias Guevara e Marlenis Tamanini nos premiam com uma reflexão apurada acerca das experiências das mulheres quebradeiras de coco, em um contexto de conflitos socioambientais e em defesa de seu território simbólico, no texto intitulado: **“Narrativas de mujeres quebram Coco Babaçu em el sudeste de Pará”**.

O último artigo do dossiê intitulado **“Movimentos feministas e LGBTQTS no Brasil e o enfrentamento da repressão e do obscurantismo em dois tempos: uma luta “menor”?”** é uma primorosa análise do Daniel Henrique de Oliveira Silva e Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro, no qual estabelecem uma relação entre os autoritarismos do contexto atual e a ditadura militar, as questões de gênero e os movimentos de resistência.

Na seção artigos contamos com 11 importantes contribuições. Abrimos em grande estilo os trabalhos com Marcela Rohsbacker Gonzalez e Acácio Piedade refletindo acerca da cultura caiçara a partir da obra de Kilza Setti no texto **“Canoa em dois tempos: Kilza Setti e a Cultura”**.

Seguindo as obras de arte temos o texto **“Interação pai e filha no romance Adua de Igiaba Scego”** de Dionei Mathias que discute o impacto da relação pai e filha na forma como a protagonista narra sua identidade e vivencia seu próprio corpo. A paternidade é um tema importante para o feminismo no contexto atual, face não só abandono, mas novas formas dos homens buscarem viver essa experiência.

A objetificação da mulher e o agravamento da violência contra o gênero feminino na cidade do Rio de Janeiro é o tema de relevante reflexão com o título **“Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça: a violência física e simbólica contra a mulher na Marca Rio (2016-2018)”**, de autoria de Diego Santos Vieira de Jesus, Daniel Kamlot, Veranise Jacobowski Correia Dubeux, Patricia Cerqueira Reis, Diogo Tavares Robaina.

Refletindo sobre a tarefa histórica de conservação da memória e da necessidade da escrita como forma de elaboração do passado, Priscila Finger do Prado e Letícia Freire de Moraes, apresentam o trabalho **“A elaboração do passado pela escrita: meio sol amarelo, de Chimamanda Adichie”**, obra dessa importante autora nigeriana, valorizando a escrita de mulheres em geral invisibilizadas.

Estariam as mulheres rurais em melhores condições na cidade e na indústria têxtil? É o que analisam, Caroline Laíza Negherbon e Luciana Butzke, em um instigante artigo que aborda vida e obra da socióloga catarinense Anita Moser: **“Pensamento social regional e a questão de gênero na obra de Anita Moser”**.

William Vaz de Oliveira vai se debruçar sobre os discursos e práticas eugenistas no Brasil, em texto precioso intulado **“A importância dada aos estudos genealógicos e às biografias familiares na Campanha Eugênista brasileira nas primeiras décadas do século XX”**.

O relato de atletas de alto rendimento, nas modalidades de atletismo e natação, acerca de violências por elas vivenciadas em suas carreiras, nas relações com os seus técnicos é o objeto do importante artigo **“Gênero e violência: a relação de mulheres atletas brasileiras com os seus técnicos”**.

esportivos”, de autoria de Maria Lúcia Vannuchi e Mariana Vannuchi Tomazini.

Refletir sobre a circulação de discursos sobre o envelhecimento, a partir de estudos de materiais postados em páginas de Facebook, produzidas e acessadas por mulheres idosas é o objeto de interessante artigo de Denise Castilhos de Araujo, **“Envelhecimento e Facebook: A Mídiação De Discursos Sociais Por Mulheres Idosas”**. Na mesma senda Aline Ribeiro e Régia Cristina vão problematizar sentidos produzidos acerca da menopausa a partir de narrativas de mulheres de classe média, no texto **“Ser mulher na velhice: gênero, corpo e menopausa”**.

Rossana Maria Marinho, Camila Cavalcante de Menezes Amorim Melo e Marcos Henrique Souza da Silva, no texto **“Mulher-cuidadora: reflexões sobre o instituto da curatela a partir das relações de gênero”** trazem reflexões relevantes acerca do instituto legal curatela e as relações de gênero, considerando o fato do cuidado recair mais sobre as mulheres. O último texto da seção artigos traz uma discussão muito pertinente de autoria de Nádia Thomaz da Silva e Yasmin Gomes Casagrande, acerca dos desafios das mães para o reingresso no Mercado de trabalho após a licença maternidade em **“Mulheres: Reintegração ao mercado de trabalho após a licença maternidade”**.

Na seção notas apresentamos o trabalho **“O estado de coisas inconstitucional no cenário de acesso ao aborto legal no Brasil”** de Henrique Rosmaninho Alves acerca de um tema fundamental para o feminismo brasileiro, qual seja a garantia do aborto legal para as mulheres que tem o direito de realizá-lo, de acordo com o ordenamento jurídico brasileiro.

Agradecemos a artista, Alanna Fernandes, que elaborou a arte das capas do Caderno Espaço Feminino v. 32, n. 1 e 2 de 2019, “experimentações com a luz”, dando destaque às nossas edições.

Desta maneira, por muitas vozes e fontes, oferecemos às leitoras e leitores um conjunto de reflexões, objetos de cuidadosas pesquisas e estudos, que nos possibilitam avançar no conhecimento e balizar nossa intervenção neste contexto regressista. O feminismo segue necessário e precisa ser das maiorias. Se “a cabeça pensa onde os pés pisam”, precisamos apressar o passo

para conquistar mais pessoas para o feminismo, como condição do bem viver para todos. Boas leituras, boas andanças.

Jorgetânia da Silva Ferreira NEGUEM/UFU

Organizadora do Dossiê